



PIONEIRISMO TRANS NA ERA PRÉ-NAZI: A HISTÓRIA DE DORA RICHTER, A PRIMEIRA MULHER TRANSGÊNERO SUBMETIDA A CIRURGIA DE REDESIGNAÇÃO SEXUAL

Rui Sousa¹, Nuno Cunha²

¹ Médico Interno de Formação Especializada em Psiquiatria, Departamento de Psiquiatria e Saúde Mental, Centro Hospitalar Tondela-Viseu
² Assistente Hospitalar de Psiquiatria, Departamento de Psiquiatria e Saúde Mental, Centro Hospitalar Tondela-Viseu

Dora Richter nasceu em 1891 no seio de uma pobre família de agricultores alemã oriunda das Montanhas Ore, na fronteira do que hoje é a Alemanha e a República Checa. Apesar da pouca informação sobre a sua infância, **a sua disforia de género é descrita como intensa e de início precoce**, recusando a usar roupas masculinas e identificando-se como mulher. Segundo alguns registos médicos que resistiram ao regime nazi, terá inclusivamente tentado remover o pénis com um garrote pelo menos uma vez quando tinha seis anos de idade.



Ao atingir a idade adulta, Richter – que então começava a ser conhecida pelo nome de **Dörchen**, ou **“Dora”** para abreviar – abandonou as suas origens rurais e mudou-se para Berlim, onde começou a trabalhar como *garçon* “masculino” em vários hotéis de classe alta, vivendo como ela mesma fora do contexto laboral. Contudo, esta vida dupla não esteve isenta de perigos, mesmo na permissiva era da República de *Weimar* - Dora foi repetidamente detida por usar vestidos em público e obrigada a cumprir pena em prisões masculinas.



Em **1920**, após um episódio em que terá sido novamente presa por usar roupas femininas, Dora finalmente deparou-se com um juiz mais compreensivo que a libertou ao cuidado do Dr. Magnus Hirschfeld, que lhe prometera um emprego no **Institut für Sexualwissenschaft**, ou **Instituto de Ciência Sexual** - o primeiro instituto de pesquisa moderno para a saúde *queer* e transgênero, situado no parque Tiergarten de Berlim.

Dr. Hirschfeld, ele próprio um judeu gay que se estabeleceu nas duas décadas anteriores como um dos principais investigadores da identidade *queer*, foi um pioneiro ao lado de cirurgiões e psicólogos como Eugen Steinach e Arthur Kronfeld, muitos dos quais vieram trabalhar como internos ou bolsistas após a fundação do Instituto.

No Instituto, **Dora** – agora com autorização oficial para se apresentar em público como mulher – trabalhava como empregada doméstica enquanto a equipa médica avaliava as suas necessidades. A primeira intervenção cirúrgica a que se submeteu foi a uma orquiectomia, que realizou em **1922** por um cirurgião chamado Erwin Gohrbandt.

O trabalho de Steinach durante a década de **1910** sobre as gónadas masculinas e a testosterona, no qual investigou a influência das hormonas sexuais na sexualidade e no corpo humano (e ao qual Hirschfeld referenciou alguns pacientes seus), ajudou Hirschfeld a desenvolver teorias sobre como a falta de testosterona podia alterar a distribuição de gordura corporal masculina - e a cirurgia de **Dora Richter** proporcionou uma oportunidade para estudar estes efeitos. O sexólogo forense do Instituto, Felix Abraham, no período após a cirurgia descrevia que o **“corpo de Dora ficou mais cheio, o crescimento da barba diminuiu, o crescimento dos seios tornou-se perceptível e também a camada de gordura da pélvis...adquirindo formas mais femininas.”**

Ao longo da década seguinte, a equipa cirúrgica de Hirschfeld aperfeiçoou as suas teorias e técnicas, enquanto **Dora** se estabeleceu como parte da equipa de mulheres *trans* que compunham o pessoal essencial das tarefas domésticas que incluíam mulheres como a pintora Toni Ebel e sua amante de longa data Charlotte Charlaque, que trabalhava como recepcionista do Instituto.

Juntas, estas mulheres submetem-se às primeiras técnicas cirúrgicas de vaginoplastia moderna, corajosas e desesperadas o suficiente para entregar seus corpos à ciência em busca de uma vida digna. No início da década de **1930**, esta devoção deu frutos, iniciando-se as **primeiras cirurgias completas de redesignação sexual**. Embora o cronograma não seja claro, acredita-se que **Dora** recebeu uma das primeiras cirurgias de redesignação sexual completa do Instituto em **1931**, quando ela tinha **40 anos de idade**.

A técnica de redesignação sexual usada nos dias de hoje ainda estava a décadas de ser desenvolvida - a cirurgia de Dora foi um caso rudimentar em duas partes: uma penectomia realizada pelo Dr. Levy-Lenz, seguida pela construção de uma neovagina pelo Dr. Gohrbandt. Ainda assim, a vaginoplastia realizada em Richter e nas suas amigas e colegas de trabalho do Instituto foi um sucesso extraordinário, atraindo outras mulheres *trans* europeias a Berlim, incluindo Lili Elbe.

Em **6 de maio de 1933**, tropas de assalto nazi e grupos de estudantes nacionalistas invadiram o Tiergarten e devastaram o Instituto, arrastando os seus habitantes para a rua para serem baleados e destruindo os livros e arquivos que lá constavam.

Não está claro exatamente o que aconteceu com Dora – se terá sido assassinada no local ou enviada para um campo de concentração e morta mais tarde. Talvez, alguns dias depois, ela tenha testemunhado o discurso de Joseph Goebbels enquanto os fascistas incendiavam mais pesquisas do Instituto, juntamente com pilhas de literatura judaica e comunista. **Seja qual for a verdade, todos os vestígios históricos da vida de Dora terminam com a morte do Instituto.**

O ataque ao Instituto foi um duplo assassinato: os nazis não só assassinaram as pessoas que o apelidavam de lar, mas também as provas físicas que mostravam o quê e como o tinham vivido; notas das palestras de Abraham e dos arquivos do caso de Levy-Lenz, fotos de Dora e suas cirurgias, bem como tudo aquilo que podia ter sido valioso para as gerações *queer* vindouras - **a prova de que houve um lugar para mulheres *trans* viverem e se curarem em paz**. Porque à época, esta invasão de facto procurava garantir que esta fosse a última geração *queer*.

Ao contrário de Lili Elbe, cuja história de vida sobreviveu à prova do tempo, restam poucas informações em primeira mão sobre Dora para além daquilo que os seus médicos escreveram sobre si em revistas médicas. Depois de atravessar por uma intervenção cirúrgica para redesignação sexual que a ajudou a aliviar a intensa disforia que enfrentava desde a infância, Dora Richter foi assassinada no momento em que sua vida começava finalmente a florescer.

